

DI CAMILLO, Gabriela Silvana. *Aristóteles historiador: El examen crítico de la teoría platónica de las Ideas.* Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, 2012.

Se é verdade que Aristóteles não pode ser considerado o fundador *stricto sensu* da História da Filosofia, é sabido que devemos a ele as primeiras exposições organizadas das doutrinas de filósofos precedentes. Entretanto, as referências do Estagirita aos demais filósofos são tudo menos neutras e desinteressadas. Harold Cherniss, em suas obras *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy* (1935) e *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy* (1944) procurou mostrar que Aristóteles distorce intencionalmente o pensamento de seus predecessores, fazendo-o com o objetivo de lançar sempre a melhor luz sobre as suas próprias doutrinas. Os testemunhos de Aristóteles não apresentariam as opiniões dos outros filósofos como um todo coerente e autônomo, mas sim como soluções imperfeitas para problemas que só ele pôde resolver. Ademais, em sua exposição das ideias dos demais filósofos, Aristóteles não se furtaria de introduzir conceitos e termos próprios, deformando-as severamente.

É este o contexto geral no qual se insere o trabalho de Silvana Di Camillo. Na contramão de Cherniss, Di Camillo procura mostrar que o uso que Aristóteles faz da reflexão dos filósofos que o precederam não visa unicamente, e ao preço da distorção maliciosa, à vitória no certame filosófico; bem ao contrário, o exame dos predecessores é parte indispensável da própria investigação filosófica, ao menos como o Estagirita a concebia. É verdade, Aristóteles utiliza seus próprios conceitos e terminologia ao “expor” o pensamento de outrem. Mas, na realidade, o interesse de Aristóteles nunca é o de meramente expor a doutrina alheia, mas sim buscar, na tradição filosófica, os problemas mais relevantes e suas possíveis soluções. Como o filósofo emprega tal procedimento sistematicamente, elevando-o a verdadeiro método, as soluções que porventura ele encontre para determinado problema são sempre profundamente dependentes das reflexões das quais ele parte.

Para comprovar essa tese, Di Camillo propõe-se a analisar as críticas que Aristóteles faz da teoria platônica das Ideias. De fato, esse

é o paradigma do tipo de exame ao qual o Estagirita submete a tradição filosófica, e se a hipótese da autora se provar verdadeira nesse caso, seu argumento como um todo ganhará força. A estratégia de Di Camillo é, por um lado, mostrar que o filósofo não desfigura a teoria das Ideias, e, por outro, que importantes teses ontológicas de Aristóteles são diretamente decorrentes da revisão crítica da ontologia de seu mestre.

Com relação ao primeiro aspecto, note-se que Di Camillo evita a análise das passagens em que Aristóteles examina a suposta doutrina platônica dos princípios e das Ideias-número, as chamadas doutrinas não-escritas. Como se sabe, este ainda hoje é um tema que desperta aceras discussões entre os que creem tratar-se de autêntica doutrina de Platão e seus opositores. A decisão da autora de evitar toda essa controvérsia é inteligente, pois parte importante de seu objetivo é mostrar a fidedignidade dos testemunhos de Aristóteles; assim sendo, convém ater-se à formulação da teoria das Ideias contida nos diálogos, em torno da qual as divergências são consideravelmente menores. Restringindo-se ao nono capítulo do primeiro livro da *Metafísica* e ao tratado *Sobre as Ideias (Peri Ideôn)*, Di Camillo compara a reconstrução aristotélica da teoria das Ideias com diversas passagens dos diálogos de Platão. Por meio de acurada análise, a autora convincentemente conclui que, descontadas certas diferenças terminológicas, Aristóteles reproduz com acerto diversas teses ontológicas presentes nos diálogos. Especialmente rico e lúcido é o exame que a autora promove do tratado *Sobre as Ideias*, aliás, o primeiro estudo de fôlego em língua espanhola desta obra.

Com base nos dados obtidos, Di Camillo conclui que o cerne das críticas de Aristóteles é a noção de separação, noção da qual dependem, em última análise, as diversas objeções pontuais movidas contra a doutrina das Ideias. Embora semelhante conclusão constitua um ponto relativamente pacífico entre a crítica especializada, o que Aristóteles entende por separação nesses contextos não é igualmente claro. Nossa autora analisa três possíveis significados da noção de separação nas críticas aristotélicas: a separação como independência ontológica, como separação conceitual e ainda como pura separação espacial. A autora argumenta, porém, que nenhum dos três se mostra adequado à luz de um cuidadoso escrutínio. Propõe ela, então, que se compreenda a noção como diferença na defini-

ção, isto é, a separação das Ideias deve ser explicada pelo fato de que o mesmo termo é definido (e concebido) de modo distinto quando referido às Ideias e às coisas sensíveis. Assim, o mesmo belo possuiria diversos significados quando aplicado à Ideia de Belo e às diversas coisas belas.

Com base nesta proposta, a autora se volta para o chamado argumento do Terceiro Homem. Depois de mostrar a substancial correspondência das formulações aristotélicas com aquela contida no *Parmênides* de Platão, Di Camillo explora os paradoxais desdobramentos do argumento do Terceiro Homem à luz da noção de separação como diferença na definição. O argumento do Terceiro Homem, como se sabe, é aquele que conclui uma infinidade de Ideias a partir de qualquer realidade/predicado de que se parta. De fato, o cerne da teoria das Ideias é supor, ou propor, uma Ideia para cada multiplicidade que há; assim, se há uma multiplicidade de coisas belas, tem de haver também a Ideia de Belo, que é responsável pelo fato de que as diversas coisas belas de que se partiu possam ser chamadas de belas. Porém, e aí reside toda a dificuldade, também a Ideia de Beleza, por exemplo, é bela, e isso segundo indicações dos próprios diálogos. Em geral, as próprias Ideias parecem possuir as mesmas propriedades que a multiplicidade de que se partiu. E desse modo é possível instaurar um regresso infinito de Ideias, isto é, uma série interminável de Ideias, pois também a Ideia estaria incluída na multiplicidade, requerendo-se, de acordo com os cânones da teoria, uma nova Ideia, e esta nova Ideia, que também possuirá a mesma propriedade, poderá igualmente ser incluída na multiplicidade, e assim *ad infinitum*.

Esse argumento, que já deu azo a muitos estudos, pode ser explorado com proveito, defende a autora, à luz da noção de separação como diferença na definição. De fato, o que o argumento supõe, para que o mecanismo infernal do regresso infinito funcione, é que a Ideia tenha a mesma definição que os indivíduos que integram a multiplicidade de que se partiu. Dito de outro modo, só é possível reunir Ideia e particulares sensíveis numa mesma multiplicidade porque o predicado que se aplica a uma e a outros é compreendido univocamente. Porém, por outro lado, os diálogos platônicos nos dão bons motivos para crer que as Ideias não compartilham sua definição com os particulares sensíveis: a Ideia de beleza seria bela de um modo profundamente diferente do modo como uma

panela, uma égua, ou mesmo uma virgem podem ser belas. Isso quer dizer que o predicado belo é atribuído homonimicamente à Ideia de Belo e às diversas coisas belas, conclusão que poderia ser generalizada para todas as Ideias. Contudo, isto que por um lado parece ser a reconfortante solução para o regresso infinito constitui, na verdade, uma dificuldade no mínimo tão radical e nefasta à teoria das Ideias quanto o próprio regresso. De fato, explica a autora, se a Ideia de Belo é bela de modo diferente das diversas coisas sensíveis que são belas, e diferente de modo tão profundo a ponto de não poder ser reunida numa mesma multiplicidade com os sensíveis aos quais atribuímos o termo belo, isso implica que já não se sabe mais o que a palavra “bela” possa significar quando aplicada à Ideia de Belo. Sendo assim, a relação entre a Ideia de Belo e as coisas belas torna-se gratuita e injustificada: se a Ideia de belo nada tem em comum com as coisas belas, por que estas coisas belas têm de depender precisamente da Ideia de Belo, e não de qualquer outra Ideia? Em suma, para escapar à fatal objeção do Terceiro Homem, é preciso supor uma separação entre Ideias e coisas sensíveis, isto é, uma diferença radical na definição da Ideia e das coisas.

Esse é o problema ontológico, é essa a *aporía* que Aristóteles, membro e também herdeiro da Academia, teve de enfrentar. E de fato, defende Di Camillo, uma das principais teses da ontologia aristotélica consiste na resposta a essa *aporía*. Aristóteles teria absorvido a noção de Forma ou Ideia de Platão com a sua própria noção de forma imanente. E, tal como a Ideia é o verdadeiro ser ou essência das coisas sensíveis que levam o mesmo nome, também a forma aristotélica é a essência das coisas. Contudo, e aqui reside a diferença, a forma aristotélica não está separada das coisas das quais é essência; dito de outro modo, a forma aristotélica tem a mesma definição que a coisa da qual é essência, tal como se defende explicitamente no livro sétimo da *Metafísica*. Di Camillo fecha deste modo o argumento com o qual começou o seu livro: não apenas Aristóteles não distorce propositadamente a doutrina de seus antecessores, em geral, e de Platão, em particular, como também suas próprias convicções filosóficas são fruto do longo e laborioso exame dialético da tradição filosófica.

Os méritos do trabalho ora resenhado são muitos. Com um estilo fluido e que transparece o cuidado com a clareza, a autora consegue transformar um tema relativamente árido num texto convidativo e aces-

sível. Ela também demonstra notável conhecimento da bibliografia especializada, sem, com isso, sobrecarregar o leitor. Ademais, Di Camillo nos oferece análises detidas e acuradas tanto do texto de Aristóteles quanto dos diálogos de Platão. É de se louvar, sobretudo, o método por ela escolhido; nomeadamente, procurar ler e interpretar o texto de Aristóteles não apenas por si mesmo, mas também, e principalmente, à luz de seu diálogo com a tradição. Deste modo, Di Camillo foi capaz de defender convincentemente que a tese, tipicamente aristotélica, da identidade da essência (ou forma) com a coisa é, na realidade, a *euporía* para uma *aporía* suscitada por Platão, que supunha a separação de Ideia e coisa. Sendo assim, os objetivos que a autora se propôs no início de seu livro foram alcançados com grande sucesso. Mas essa obra traz ainda um benefício adicional para os estudos aristotélicos. A sua seminal análise de umas das principais teses do livro Z da *Metafísica* são a exemplificação de como a leitura de Aristóteles à luz do intenso diálogo que ele trava com a tradição filosófica poderia esclarecer muitos aspectos ainda obscuros da obra do Estagirita.

Guilherme da Costa Assunção Cecílio
Doutorando em Filosofia – UFRJ (PPGF)